

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

JÚLIA JORGE FIRMINO

Festa Literária Internacional de Paraty: discussões sociais contemporâneas no cenário independente

Relatório de elaboração do livro-reportagem: “Esse não é um livro sobre a FLIP”

SÃO PAULO

2º SEMESTRE/2018

JÚLIA JORGE FIRMINO

Festa Literária Internacional de Paraty: discussões sociais contemporâneas no cenário independente.

Relatório de elaboração do livro-reportagem: “Esse não é um livro sobre a FLIP”

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Professor Dr. André Cioli Tabora Santoro.

SÃO PAULO
2º semestre/2018

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

Esse trabalho é dedicado ao meu pai, Jose Antonio, que faleceu em 02 de novembro de 2018. Ele dizia para os amigos: “ajudei a minha filha a fazer as entrevistas lá em Paraty.

- Confia em mim?
- Eu confio”.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais e meu irmão que me apoiaram durante toda a graduação e que nunca colocaram oposições aos meus sonhos, sem eles esse trabalho não seria possível.

A minha família que se mostrou muito unida e presente, ainda mais no momento em que enfrentamos a maior dificuldade possível. Guardo com carinho todos os conselhos e palavras de apoio.

A todos os professores que já tive na vida. Sendo filha de dois professores sei desde criança a importância que essas figuras desempenham na vida e na formação de uma pessoa.

Porém, já que este é um trabalho de graduação não posso deixar de agradecer ao meu orientador, André Santoro, por toda a paciência e sabedoria durante esse ano de trabalho. Sem ele, muito provavelmente, esse livro seria apenas um protótipo do que ele se tornou.

Agradeço também ao professor Vanderlei Dias de Souza, por todas as aulas de política e pela generosidade com que conquistou a turma.

Aos amigos que conheci da faculdade Lana Nunes, Amanda Stephanie, Priscila Dourado, Ludmila Vilaverde, Peterson Prates e Délis Pessoa, obrigada por me aguentarem por todo esse tempo, a paciência de vocês será recompensada.

A faculdade também me trouxe amigos de forma indireta, pelo estágio. Nathalia Hernandez, Fernandes Júnior, Juliana Rocha, Maria Fernanda, Nathalia Marques e Adriano Nevado, foi muito gratificante estar com vocês por quase dois anos, obrigada por tudo.

No mais, agradeço a todos que fizeram parte dessa jornada de quatro anos. Todos contribuíram para que saísse uma Júlia diferente daquela que ingressou na faculdade em 2015.

*“Aqueles que nos amam nunca nos deixam
de verdade”.*

(J.K. Rowling)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como principal objetivo produzir um livro-reportagem sobre conexões existentes na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Construído a partir de temas de cunho sociopolítico, são exploradas as relações entre o território e seus moradores, entre a literatura, a poesia e o feminino. O processo de apuração foi dividido em pré-apuração, na qual foram coletadas informações gerais sobre a FLIP, editoras independentes, a autora homenageada Hilda Hilst e sobre tendências contemporâneas da literatura; e apuração in loco, que resultou nas personagens presentes no livro, que se relacionam com os temas pesquisados no processo de pré-apuração, resultando na reportagem “Esse não é um livro sobre a FLIP”.

Palavras-chave: Festa Literária Internacional de Paraty; literatura; livro-reportagem.

ABSTRACT

The present paper had as its main objective to produce a non-fiction book about what connections exist in the Paraty International Literary Festival (FLIP). Based on socio-political themes, the relations between the territory and its inhabitants, between literature, poetry and the feminine are explored. The gathering process was divided into pre-examination, in which general information about FLIP, its independent publishers, the honored author Hilda Hilst and contemporary trends in literature were collected; and *in loco* gathering, which brought up the characters present in the book, which then address to the topics covered in the pre-examination process, resulting in the article “Esse não é um livro sobre a FLIP”.

Keywords: Paraty International Literary Festival; literature; non-fiction book

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 Literatura e Sociedade	12
1.2 Festa Literária Internacional de Paraty	13
1.3 Mulheres e negras: rompimento no <i>establishment</i> na literatura contemporânea	14
1.4 Jornalismo cultural e literatura	16
1.5 Livro-reportagem.....	17
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

O relatório apresentado a seguir embasou a produção de um livro-reportagem sobre histórias de personagens que fazem parte da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), no âmbito independente.

Idealizada por Liz Calder, a festa começou em 2003. A editora inglesa e entusiasta da literatura escolheu o Rio de Janeiro para ser palco desse encontro. Durante cinco dias de festa ocorrem cerca de 200 eventos. Os autores convidados participam de debates e conversas.

Shows, exposições, oficinas, exibições de filmes e apresentações escolares, englobam a programação oficial da FLIP. Além disso, existem programações segmentadas de acordo com o público, como a FlipMais (mescla de literatura com outras artes, como teatro, música e cinema), a FlipZona (direcionada ao público jovem) e a Flipinha (voltada para a literatura infantil). Além da programação oficial, muitos autores e editoras independentes ocupam o espaço proporcionado pela festa na forma de casas parceiras.

A FLIP reuniu oficialmente em 2018, 16ª edição, 26.400 visitantes. Foram gerados 1.349 empregos, sendo 673 diretos e 676 indiretos, totalizando um retorno econômico de 47 milhões de reais, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), encomendado pelo Ministério da Cultura (MinC).

A curadoria da jornalista e historiadora Joselia Aguiar, responsável também pela edição de 2017, seguiu uma linha mais intimista na abordagem dos temas. Em entrevista ao *El País*, dois dias antes da abertura, ela afirmou que: “Esta será uma Flip voltada para o mundo de dentro: amor, morte, Deus”.

A escolhida para ser homenageada foi Hilda Hilst, autora de livros como *A Obscena Senhora D* (1982) e *Tu não te moves de ti* (1980).

Em 2017, edição que homenageou Lima Barreto, havia sete casas parceiras da FLIP, ou seja, com programação independente. Em 2018, o número oficial é de 22 casas no mesmo estilo. Os temas de discussão estavam centrados na produção feminina, cenário político brasileiro, mercado editorial e autores independentes.

A partir disso, a pergunta problema que permeou a produção da peça jornalística escolhida foi: um livro-reportagem pode demonstrar de que forma a FLIP

constrói relações entre seus participantes, envolvendo discussões sociais contemporâneas, no cenário independente?

Pensando nessa proposta, o principal objetivo deste trabalho foi produzir um livro utilizando as técnicas do jornalismo literário sobre o que acontece ao redor da FLIP.

Ao abordar a literatura, em um cenário de discussões contemporâneas, deve-se ter em mente que ela é uma arte difícil de conceituar. A pluralidade de seu significado se traduz tanto na quantidade de gêneros que abarca, quanto na quantidade de possibilidades de enredos.

O aprendizado e o debate das questões levantadas pela literatura passam a ter significados para o mundo contemporâneo, porque falam sobre a realidade, e principalmente, abrem espaço para que a circulação de ideias aconteça, porque existe algo a ser dito e alguém que deseja escutar.

Dessa forma, a união e o encontro desses autores e dessas ideias proporcionados pela FLIP tratam de diversidade cultural e, sobretudo, contemporaneidade, já que as pautas que circulam pelo cenário independente da festa são as mesmas que circulam no dia a dia.

A construção dos fatos se dá a partir do diálogo proposto pelos debates e a experiência dos visitantes. Essa apuração, quando transportada para um livro-reportagem, utilizando técnicas do jornalismo literário, apresenta as melhores ferramentas, porque possibilita um olhar observador para as especificidades e detalhes da festa, maior amplitude de abordagens, recursos estilísticos e, sobretudo, evidencia a história das pessoas do lugar.

A importância da FLIP não está relacionada à materialidade do objeto livro em si, mas sim do seu signo, daquilo que ela representa e de que forma isso atrai pessoas para um local específico, com o mesmo objetivo e de que forma isso impacta os moradores locais.

O desejo por trás deste trabalho foi conhecer pela primeira vez a FLIP, estreitar laços com a literatura, jornalismo e escrita, já que ela é uma forma de afirmação do ser humano em sociedade, proprietária de significados que revelam sentimentos, ações, desejos, denúncias, gritos e silêncios, mostrando os reflexos da arte na vida das pessoas.

O processo de apuração foi desenvolvido em duas etapas. A primeira consistiu em estudos sobre a FLIP, autora homenageada e tendências da literatura contemporânea. A segunda parte foi a apuração *in loco*, durante todos os dias da festa, onde foram entrevistadas as personagens do livro-reportagem.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Literatura e Sociedade

A literatura vai além da produção de uma obra. Escrever faz parte da necessidade do ser humano de se expressar, não apenas no sentido particular, mas do coletivo, em propor reflexões sociais. Dessa forma, o sociólogo, professor e crítico literário Antonio Candido define a literatura em seu contexto social como “fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos” (CANDIDO, 2006 p. 146).

Uma das discípulas de Antonio Candido, a crítica literária e professora Marisa Lajolo, em sua obra *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, afirma que a literatura ao ser analisada como instituição adquire valores no meio social, formando conjuntos de representações.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 1993. p. 106)

Uma obra é única e pessoal, porém ao entrar em contato com a sociedade se torna coletiva, um livro só se torna literatura quando estabelece uma comunicação e “mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento” (CANDIDO, 2006 p. 146).

A historiadora Adriana Facina traça um paralelo entre arte por estética e arte em sua função social na cultura, o que também pode ser aplicado a literatura. Arte e sociedade se misturam e se complementam, de forma que a estética de uma obra não a desloca de sua função social e, ao mesmo tempo, essa função social não sacrifica a estética de cada autor ou obra.

Desse modo, pode-se afirmar que a cultura é constitutiva da prática social e não o reino de ideias e valores abstratos. Essa perspectiva sobre a cultura permite suplantar tanto a posição idealista, que vê na obra de arte um universo autônomo que deve ser estudado em si, quanto uma teoria reducionista do reflexo que busca relacionar de modo direto a obra com uma suposta estrutura econômico-social que a determinaria. (FACINA, 2004, p.24)

Um momento de congregação e de comunicação entre os presentes em torno da literatura seria a Festa Literária Internacional de Paraty, que já tem em seu objetivo original propor discussões sobre as temáticas das obras em seu caráter social, que vai além da materialidade do livro. A literatura, mesmo com o passar dos anos, não perde seu *status* de contemporânea porque os debates por ela promovidos são convergentes com as discussões do mundo, seja na forma de provocação ou de relato.

1.2 Festa Literária Internacional de Paraty

A editora inglesa Liz Calder foi uma das idealizadoras da FLIP. Em seu texto *Bem-vindos à Flip 2018*, no programa oficial da festa, ela conta que a ideia surgiu em maio de 1997. “Um pequeno ônibus partiu de Londres para um vilarejo remoto no País de Gales, levando os escritores brasileiros Patrícia Melo, Milton Hatoum, Chico Buarque e João Gilberto Noll, além do editor Luiz Schwarcz e o arquiteto paulistano Mauro Munhoz” (CALDER, 2018, p.8).

Os autores tinham como destino o festival literário *Hay-on-Wey*, para divulgar as traduções de seus romances para o inglês. Os integrantes da plateia, segundo Calder, nunca tinham lido e nem ao menos ouvido falar sobre autores brasileiros. Entretanto, a recepção calorosa foi o que despertou na editora “as primeiras ideias para um festival literário brasileiro, que eventualmente se tornaria a FLIP”. (CALDER, 2018, p.8)

A Festa Literária Internacional de Paraty começou, porém, apenas em 2003. A estrutura é composta por um diretor geral, uma curadoria e um autor homenageado.

A programação oficial contempla temas relacionados ao autor escolhido, mas não deixa de fora temas contemporâneos, que são discutidos na sociedade e autores que receberam destaque no mercado editorial, com a publicação de suas obras.

“A literatura e os festivais literários se tornaram ainda mais importantes para a promoção do entendimento internacional” (CALDER, 2018, p.8). A FLIP tem

representatividade internacional e com o passar das edições os debates geram repercussão e posicionamentos em relação a ter mais mulheres, negros e negras ocupando esse espaço literário. “Em um mundo repleto de notícias falsas e acontecimentos políticos estranhos e assustadores, os escritores podem fazer conexões vitais que fazem avançar tal entendimento (CALDER, 2018, p.8).

Em matéria publicada em maio de 2016, no portal do jornal *El País*, a reportagem de Camila Moraes intitulada “Faltam negros no palco da Flip, mas também na plateia”, Paulo Werneck, curador da FLIP na época, afirma que apelos sociais refletiram na programação.

A sociedade e a literatura exercem influências entre si de maneira dialética, abrindo novos olhares sobre o mundo, englobando discussões de gênero, raça, classe social, preconceito, arte. Por mais que essa não seja a intenção direta do autor, a relação entre público, autor e obra não funciona como uma reta, é sim um caminho cheio de curvas, que podem ser percorridas em eventos como a FLIP.

1.3 Mulheres e negras: rompimento no *establishment* na literatura contemporânea

Atualmente, as tendências contemporâneas que mais se destacam em discussões literárias são questões relacionadas à mulher e seu protagonismo como autora, personagem e na produção de livros; aos negros com a revisão do cânone do que é reconhecido como literatura negra e seus autores; e uma intersecção entre os temas, ao se refletir também sobre mulheres negras neste mercado.

De acordo com Virgínia Maria Vasconcelos Leal, em sua tese *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*, ela afirma que a inserção de mulheres na literatura sempre se deu de maneira mais problemática, por motivos da disparidade de gênero e também consequências históricas do mercado editorial brasileiro, que dependia das benesses do estado e de como a profissão (escritor) era vista no Brasil (LEAL, 2008, pg. 94).

A criatividade feminina subjugada também foi observada pela escritora e artista visual Laura Ebber, em entrevista ao editor do *Suplemento Pernambuco*, Schneider Carpeggiani, em artigo publicado sobre o evento *Mulherio das Letras*.

Intervenções teórico-críticas de feministas e práticas de artistas nos campos da performance, fotografia, body art, dança, pintura e outros, questionaram e desarmaram os discursos hegemônicos tradicionais da história, da teoria e da crítica de arte, revelando a forma como esses mesmos discursos são construídos com base em um pensamento falocêntrico e eurocêntrico, em que a criatividade, associada à masculinidade, é constantemente (re) produzida através de genealogias patrilineares [...] e de construções de cânones que insistentemente excluem mulheres e culturas minoritárias. (EBBER, Laura. Elementos de perturbação. Suplemento Pernambuco, Pernambuco, n. 135, p.10-13, maio 2017. Entrevista concedida a CARPEGGIANI, Schneider)

A mesma construção de um cânone que reservava às mulheres um local de inexpressividade e subjugamento também aconteceu com mulheres negras, o que pode ser observado no tratamento destinado a essas personagens na literatura e, conseqüentemente, quais papéis ocupavam em sociedade (DUARTE, 2009, p.6).

De acordo com o escritor e pesquisador Márcio Barbosa, um dos integrantes do grupo que organiza a publicação “Cadernos”, que tem por objetivo resgatar narrativas de autores negros, em seu texto *Cadernos negros e Quilombhoje: Algumas páginas da história*, afirma que por volta de 1982 existiu uma tentativa de reafirmação dos negros, em um movimento voltado para questões raciais.

A pergunta que parecia estar se colocando naquele momento era a seguinte: seria possível fazer no Brasil uma literatura que expressasse a vida e os valores afro-brasileiros, nos moldes da literatura professada pelos arautos da negritude e, mais ainda, pelos escritores afro-americanos? É fato que nem os militantes negros acreditavam nessa proposta, mesmo porque consideravam literatura um passatempo burguês. Assim, *Cadernos negros* já nasceu enfrentando oposição dentro da própria comunidade, desviando energia que deveria ser utilizada na briga contra o *establishment*. (BARBOSA, Nascimento. É o mundo negro que viemos mostrar a você. Suplemento Pernambuco, Pernambuco, n. 145 p. 12-17, março 2018. Entrevista concedida a NASCIMENTO, Leonardo)

Atualmente essa quebra de *establishment* tem acontecido com diversas autoras negras, como Conceição Evaristo, Lia Vieira, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Sônia Fátima da Conceição, Jarrid Arraes, que vão pouco a pouco galgando seus caminhos pelo mercado editorial e acadêmico.

Prova disso foi que no ano de 2017, o autor homenageado da FLIP foi Lima Barreto, fato que permitiu diversos debates sobre mulheres negras e preconceito racial no Brasil. Em 2018 a escolhida foi Hilda Hilst, uma poetisa, cronista, autora de diversas obras e mulher, considerada uma figura controversa e a frente de seu tempo.

Observa-se, de fato, que as tendências contemporâneas acompanham as discussões políticas da sociedade, que se refletem na Festa Literária Internacional de Paraty.

1.4 Jornalismo cultural e literatura

O jornalismo cultural não está restrito apenas as artes ou voltado para o elitismo cultural. “Se por jornalismo cultural fosse entendida apenas a produção de artes, ele deveria chamar-se simplesmente jornalismo de artes” (BASSO, 2008, p.69).

“O jornalismo cultural, de certo modo - nasceu na cidade e com a cidade” (PIZA, 2011, p.12), afirma Daniel Piza, jornalista e escritor em seu livro *Jornalismo Cultural*. Essa vertente do jornalismo está atrelada as vivências culturais que surgem com as cidades, ou seja, o modo como as pessoas organizam a vida no espaço social e, conseqüentemente, tudo que é produzida nesse contexto.

Desta forma, tende a superar o prisma da dicotomia entre os campos da produção simbólica, de elite, popular e de massa, evidenciando a difusão (papel do jornalista cultural) e a análise crítica das culturas (papel do crítico de cultura) (BASSO, 2008, p.69).

Portanto, as artes, os modos de vida, os sistemas de valores, crenças e tradições também são material fonte para o jornalismo cultural. É importante destacar a importância que essa sessão em um jornal tem, já que colabora para a relação do leitor com o jornal. Se a arte imita a vida, retratar a arte é também falar sobre a vida.

Como tantas vezes ele ainda é tratado pela grande imprensa brasileira - desempenhando um papel algo secundário, quase decorativo. Os “segundos cadernos” têm uma importância para a relação do jornal com o leitor - ou, mais ainda, do leitor com o jornal - que é muito maior do que se supõe. Além disso, há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com o tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é da sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens (PIZA, 2011, p.7).

A literatura faz parte do *hall* das artes, e é a principal forma contemplada durante a FLIP. Porém, ela é tratada não apenas por meio do signo livro, mas sim do conteúdo, das abordagens e discussões contemporâneas que se entrelaçam com a história, filosofia e antropologia. No jornalismo cultural esses elementos são colocados em perspectiva, fazendo com que um produto, como um livro-reportagem, com esse material não seja um jornalismo sobre literatura, mas sim sobre a cultura de um evento que acontece em Paraty.

1.5 Livro-reportagem

Os caminhos percorridos pela FLIP, retratados através de um livro-reportagem, permitem apurar com profundidade, explorando além do factual, valorizando as personagens que fazem parte dessa sociedade que se reúne em prol de discutir literatura. De acordo com o jornalista Edvaldo Pereira Lima:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado. (LIMA, 2009 p. 26)

Como dito acima, uma das características principais que diferencia o livro-reportagem do jornalismo diário é a profundidade do tema. A construção deste produto parte de um tempo muito diferente do imediato, exigido pela cobertura diária. Dessa forma, as pautas apresentam amplo nível de detalhamento, desdobramentos e consequências, além do fato em si que origina a pauta, como afirma o jornalista Eduardo Belo, em seu livro sua obra *Livro-reportagem*.

O livro pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer. Até por sua extensão e pelo trabalho mais acurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões, entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-la. É uma forma de ter uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação que caracteriza a cobertura jornalística profunda. (BELO, 2006 p.46)

O maior tempo destinado ao aprofundamento da temática, através por meio da apuração de informações sobre o fato, pesquisa em documentos, entrevistas e observação do acontecimento no local, trazem para esta essa peça jornalística um caráter atemporal.

O envelhecimento do livro-reportagem não faz com que este perca sua relevância e se torne “notícia velha” (LIMA, 2009 p. 20).

Outro caráter relevante da construção de um livro-reportagem relacionado à abordagem temática, segundo Carlos Rogé Ferreira, em seu livro *Literatura E Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contradiscursos*, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem”, está relacionado é a sua relevância política, que rompe com a estrutura normativa da construção diária de notícias diárias.

"Ruptura não se refere apenas ao que não é publicado nos jornais, "ruptura" diz respeito ao que o sistema (a ordem dominante vigente, seja ela qual for), não quer ver nem discutir (...)" (FERREIRA, 2004, p. 325).

O livro-reportagem é jornalismo de profundidade, que busca a conhecer a fundo determinado tema. "A natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer" (PENA, 2005, p.1).

Conhecer uma realidade a fundo contribui para que existam esses momentos de ruptura, no jornalismo que provocam reflexão sobre o que aconteceu na sociedade sendo capaz de conhecer os antecedentes que levam ao fato e suas consequências.

A linguagem escolhida para a produção do livro-reportagem proposto é o jornalismo literário. Tratando-se das temáticas de viagem e nova consciência dentro da reportagem, essa técnica traz os recursos necessários para melhor valorizar o produto, segundo Lima, um dos teóricos brasileiros sobre o tema:

O jornalismo literário - praticado tanto em periódicos quanto em formato de livro - encontra um canal de expressão fabuloso no livro-reportagem e este, por sua vez, pode alcançar o máximo de seu potencial enquanto produto de comunicação pública quando é trabalhado em estilo de jornalismo literário (LIMA, 2009, p. XIV)

Os recursos literários, segundo o escritor Italo Calvino, em sua palestra - que posteriormente foi transformada em livro - *Seis Propostas Para O Próximo Milênio: Lições Americanas* - podem trazer novos recursos responsáveis por quebrar as barreiras linguísticas do dia a dia, saindo dos hábitos rotineiros e explorando a literatura, que seria a única forma de salvar-se dessa falta de criatividade e de mau uso das palavras (CALVINO, 2016, p.74).

O jornalismo literário combina técnicas de escrita do próprio jornalismo e da literatura. Assim como um livro-reportagem demanda mais tempo para sua escrita, o jornalismo literário demanda mais tempo de apuração, maior contato com as fontes, pesquisa com fontes oficiais e de testemunhos. Com isso, o texto adquire novos significados.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2005, p.1)

Essa combinação nos leva à linha condutora do jornalismo literário que é, afinal, contar uma história. “O jornalismo literário inclui qualidade lírica e poética, sim, quando oportuna, mas sem perder o foco na realidade” (LIMA, 2010 p. 29). Isso significa que existe uma clara separação entre o que é ficção e a realidade primada pelo jornalismo e abre espaço para que histórias sejam contadas de outra maneira, além daquela clássica do jornalismo.

A escolha pelo jornalismo literário abre espaço para a valorização do personagem, abrindo caminhos pela complexidade dos seres humanos, através das emoções.

Além de inserir o leitor no texto, a observação participante é um “mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver na pele as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens”, (LIMA, 2009 p. 123). Essa inserção do jornalista ao experimentar e conviver no mesmo ambiente de suas personagens apresenta não apenas a dimensão dos fatos relatados em si, mas também aquilo que o jornalista busca apurar em seu caminho, através de imersão.

Outro recurso que colabora para que o mergulho do leitor seja profundo, de acordo com o jornalista Tom Wolfe, um dos precursores do novo jornalismo, em seu livro “Radical chic e o novo jornalismo”, é a observação atenta à descrição do *status* de vida, o que exige uma entrega do jornalista.

Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. (WOLFE, 2005, p.55)

As descrições se tornam mais interessantes, em termos da exploração da linguagem, como dito por Calvino acima, quando conta com metáforas que são “representação ou expressão de uma coisa por outra que por ela não é” (LIMA, 2010 p. 27). Essa representação se identifica pela analogia presente e cria novos sentidos para a realidade tratada.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

O percurso traçado para a produção do livro-reportagem começou com estudos de aprimoramento de técnicas jornalísticas envolvendo jornalismo literário, por meio da leitura de livros-reportagem com esse estilo.

Os escolhidos foram *Hiroshima*, de John Hersey e *Abusado - O dono do morro Santa Marta*, de Caco Barcellos.

Paralelo a esse estudo, já que o livro aborda questões envolvendo literatura, sociedade e discussões contemporâneas, também foi realizado um estudo teórico sobre essas relações estabelecidas pela literatura. Por meio da leitura de livros como o *Inventário de sombras*, de José Castello, que reúne uma série de perfis de autores nacionais e internacionais.

Dois pontos presentes no livro de Castello podem ser destacados como relevantes para a construção dessa peça: construção do perfil de um autor e o estilo de narrativa, que utiliza recursos literários, como a presença de diálogos, narrador observador e personagem, além de detalhamento de ações, lugares e expressões.

Para entender como a imprensa especializada aborda assuntos do mercado editorial, que tipo de livro é lançado, quais autores (nacional e internacionais) recebem mais destaque e que tipo de discussões são propostas, foram feitas leituras de alguns exemplares das revistas *Quatro cinco um*, editada por Fernanda Diamant e Paulo Werneck e do *Suplemento Pernambuco*.

A partir do momento em que a base teórica foi consolidada comecei o processo de pré-apuração, com entrevistas de reconhecimento. O objetivo era conversar com pessoas que, de alguma forma, já tinham participado da FLIP (por se tratar da primeira experiência era importante o contato com pessoas que soubessem como o evento funciona na prática), que estavam diretamente ligadas à literatura, seja criando conteúdo para a internet, publicando livros em editoras independentes ou discutindo literatura em facetas sociais.

A primeira entrevistada foi a jornalista e *booktuber* Tatiany Leite, ela foi escolhida por ser uma frequentadora da FLIP, ter um canal no *Youtube* que fala sobre livros e literatura e pela proximidade familiar com autores e com discussões sociais. Tatiany é sobrinha-neta de Ana Cristina Cesar e neta de Gabriela Leite (DASPU).

Após a entrevista, foi definido enfoque da peça: programação independente. Tanto de editoras que desenvolvem projetos paralelos, quanto os artistas

independentes que aproveitam a FLIP para mostrar seu trabalho e todo tipo de arte que circula em volta de literatura, ocupando o mesmo espaço durante os cinco dias de festa.

Com o foco determinado, para entender como funciona a articulação de editoras independentes durante a FLIP, desde apoio em divulgação, espaços ocupados, casas parceiras, que tipo de pautas são discutidas, mercado editorial independente no Brasil, até sobre a programação oficial da FLIP, curadoria e autora homenageada o entrevistado foi João Varella, um dos sócios da editora Lote 42 e da Banca Tatuí, que esteve da edição de 2017 da FLIP, junto com outros apoiadores, no projeto “Casa de papel”.

Além de entender como funcionam as articulações da festa, para conhecer as tendências da literatura contemporânea, que influenciam as discussões sociais da FLIP e da sociedade, foi realizada uma entrevista com o professor, escritor e crítico literário Cristhiano Motta Aguiar.

Durante a entrevista foram listadas como possíveis pautas de discussão a representatividade feminina na literatura (envolvendo a produção de livros, posicionamento no mercado editorial e, claro, personagens femininas), ampliação do cânone da literatura negra – em um momento de reposicionamento de diversos autores e, sobretudo, mulheres negras na literatura – e o estilo literário de autobiografia, que foi uma tendência que pôde ser observada em escolhas da programação oficial da FLIP, como Isabela Figueiredo, autora portuguesa de *A gorda* e *Memórias coloniais*.

A quarta entrevista foi realizada com Olga Bilenky, artista plástica responsável por cuidar da Casa do Sol, onde morava Hilda Hilst. A visita à Casa do Sol, teve como objetivo conhecer mais sobre a autora homenageada, para tentar identificar possíveis influências durante a FLIP, colher informações sobre como ela seria representada na festa e sobre a vida da autora. Essa visita gerou um capítulo que funcionou como uma espécie de epílogo no livro-reportagem.

Terminada a fase de pré-apuração a viagem até Paraty marcou o início da segunda fase com a apuração *in loco*.

O planejamento da viagem em si já havia sido feito em paralelo com as entrevistas e leituras, porém o roteiro diário era definido na noite anterior, por meio da programação das casas independentes, que foram divulgadas em redes sociais.

De acordo com o foco da peça definido, tudo que fosse burocrático, exigisse alguma espécie de senha ou horário limitado para entrada foi excluído das opções. As programações escolhidas para serem avaliadas tinham caráter independente (mesmo em casas parceiras da FLIP), de autoras e editoras.

Como o número de casas parceiras era muito maior do que no ano anterior, de 7 para 22, era impossível acompanhar todos os eventos. Dessa forma, as escolhas também eram pautadas pelos temas. Então foram escolhidos temas relacionados ao feminismo, literatura negra, poesia feminina, mercado editorial independente e literatura nacional.

Com essas diretrizes determinadas, a premissa dos dias era entre uma palestra ou evento entrevistar artistas na rua, conforme fosse surgindo o interesse, desde pessoas que chamasse a atenção pela aparência, pelos livros que vendiam ou por pequenos traços de personalidade que pudessem captar a atenção.

Além disso, outro foco das entrevistas, que se tornou um dos pontos cruciais no livro, foi a questão da terra paratiense, dos nascidos na cidade de Paraty, *versus* a ocupação paratiana, daqueles que saíram de seus estados para morar ou abrir um negócio em Paraty.

Essa pauta, que não havia sido mencionada nas pesquisas de pré-apuração, se tornou muito evidente ao caminhar pelas ruas da cidade, ao conversar com moradores e com pessoas que fazem parte da FLIP de forma indireta.

Após a apuração *in loco*, todo material de áudio e texto foi analisado e a peça foi estruturada em oito capítulos, sendo um deles o epílogo sobre a visita a Casa do Sol de Hilda Hilst.

O livro-reportagem começa com o prólogo, que fala um pouco sobre o que é a Festa Literária Internacional de Paraty.

O primeiro capítulo “Entre secos e molhados, os poetas vivos”, foi explorada a presença nordestina na festa, que envolve o cordel, os retirantes, a seca e dois autores independentes buscando divulgação na FLIP.

O segundo capítulo fala sobre três mulheres contadoras de histórias, fazendo várias digressões sobre a vida delas e que mostra o contato de cada uma com a literatura e com o ato de contar uma história.

O terceiro capítulo foi construído com narrativas alternadas, justamente para mostrar os pontos de vista no conflito entre os paratienses que cada vez mais perdem sua terra para paratianos que consideram Paraty um lugar das artes e de exploração.

O quarto capítulo, seguindo as informações da pré-apuração é focado em quatro mulheres autoras, que discutem o seu local de fala, as dificuldades pessoais e profissionais de se publicar um livro e como elas se posicionam em situações difíceis.

O quinto capítulo fala sobre o *Slam de quinta*, que é uma batalha de poesia organizada por mulheres paratienses. Ele é construído a partir de trechos de poesias que foram oralizadas durante a batalha. Sua estrutura é diferente dos outros capítulos, já que ele apresenta mais diálogos e trechos dos poemas, para manter a fidelidade a mensagem dos versos.

O sexto capítulo propõe uma discussão sobre valor, a partir de dois personagens que vendem seus zines (folhetos de poesia confeccionados a mão e xerocados, geralmente vendidos a 2 e 5 reais cada), que acaba sendo a forma mais barata de reproduzir em grande quantidade o trabalho de um artista independente e que circula muito durante a FLIP.

O sétimo capítulo traz o antagonismo da Biblioteca Municipal de Paraty, um local histórico, que tem apenas um bibliotecário e de um homem, operário da cultura, que transformou uma Kombi em sebo. Esse capítulo, através do título “Livros esquecidos”, traz a reflexão sobre o que sobre na cidade depois que a FLIP vai embora.

Por fim, como dito anteriormente, o último capítulo é sobre a Casa do sol. Ele foi incluído no livro justamente pela importância da figura de Hilda Hilst que foi a homenageada da FLIP e pela representatividade de uma autora mulher, que era controversa em muitos momentos, mas não deixava de abordar temas tabu.

Por fim, foi adicionado um breve epílogo sobre as informações que forma divulgadas até o momento sobre a FLIP 2019.

O projeto gráfico do livro foi terceirizado e desenvolvido por Almerino Gonçalves, porém o estilo foi definido anteriormente e aprovado de acordo com os critérios que foram: cada abertura de capítulo teve início com uma ilustração que representasse algum elemento presente naquela parte do livro. Junto com o diagramador foi escolhido um estilo inspirado nas xilogravuras. Os capítulos cinco e

oito, por conterem estruturas diferentes, têm estilos de diagramação diferentes, com páginas coloridas (preto e rosa, respectivamente).

Foram escolhidas as cores vermelho, amarelo e preto para a capa. Os elementos presentes nela fazem referência a Paraty e aos livros, como se eles estivessem espalhados pelo chão da cidade ou “voando” sobre o espaço.

O título do livro-reportagem foi uma das últimas coisas a serem definidas, já que a dificuldade era encontrar um termo, ou uma palavra que pudesse englobar todos os temas abordados pelo livro. Por fim, o título “Esse não é um livro sobre a FLIP” surgiu em uma conversa com meu orientador e um professor do curso, já que por conta da diversidade de temas sempre foi difícil conceituar sobre o que se tratava a peça.

Por fim, o título escolhido traz essa dualidade que casa muito bem com o conteúdo presente no livro já que ao mesmo tempo ele é e não é um livro sobre a FLIP, além de ser um título que chama a atenção e desperta a curiosidade.

Onze fotos foram selecionadas para ocupar o miolo do livro. Essa escolha foi inspirada do dossiê de fotos e manchetes de jornal que estão no livro *Abusado - O dono do morro Santa Marta*.

O livro-reportagem “Esse não é um livro sobre a FLIP” foi impresso em papel pólen soft 80g, miolo em papel *couché* fosco 120g. A capa foi feita em papel cartão com acabamento fosco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cuidar de um processo jornalístico inteiro, desde a construção da pauta até a produção do texto e diagramação é um engrandecimento profissional, já que é o momento em que teoria e prática se unem para que cada um possa apresentar o resultado de quatro anos de curso.

Ao final da produção do livro e do relatório posso chegar a conclusões em relação ao tema escolhido e em relação a profissão de jornalista.

A palavra *serendipity*, pode ser traduzida como “uma feliz descoberta ao acaso”. O “acaso” nessa história não é bem como tropeçar em uma pedra e encontrar um oráculo de respostas, mas sim ir para a rua e estar preparado para o que o acaso me trouxesse.

Na elaboração do projeto de TCC, no sexto semestre, o tema “FLIP 2018: discussões do mundo literário”, não era uma certeza. Na época, a FLIP de 2017 tinha acabado de acontecer e vídeos de Lázaro Ramos e Conceição Evaristo circulavam no *Facebook* e no *Metrópolis*, programa da Tv Cultura. Os vídeos falavam sobre racismo, literatura negra, educação e representatividade. “Será que nesse lugar se discutem as mesmas coisas que a sociedade está discutindo?”.

Com o processo de apuração essa pergunta mudou e foi direcionada para o cenário independente, de autores, editoras e artistas. Esqueça autores famosos em um palco com microfone e tradução simultânea, a ideia era focar em tudo que existe ao redor da FLIP, fora da programação oficial.

Foi a partir daí que esse livro tomou forma. Ainda não era um acaso, era fruto do processo de pré-apuração. A ideia do projeto foi a produção de um livro-reportagem em jornalismo literário. É clichê afirmar que as pessoas fazem o lugar, mas nesse caso escolher um lugar alvo, com essa característica, foi fundamental para encontrar as personagens, que são a alma do livro.

Por mais abrangente que seja a pergunta problema, hoje, depois do livro finalizado, eu posso respondê-la positivamente. Também posso dizer que não basta responder “sim” e colocar um ponto final. Estar disposto a vivenciar uma outra realidade e entender como um grupo de pessoas distintas estabelecem relações naquele território me permite responder que “sim, mas eu não tinha ideia de que seria dessa forma”.

Isso não significa uma falha no processo de apuração, mas sim um fator surpresa, uma *serendipity*, que foi um fator motivador para que, mesmo em poucos dias, uma realidade múltipla e cheia de camadas pudesse se abrir.

Conhecer um lugar não é apenas passar pelos pontos turísticos, fazer fotos e pesquisar sobre a história, é também conversar com as pessoas do lugar. Claro que existe o dilema sociológico: os lugares fazem as pessoas ou as pessoas fazem os lugares? A resposta para Paraty, é que é um pouco dos dois, mas sem as fontes – que se tornaram ou não personagens no livro – não seria possível perceber que, para além do palco arena, onde autores internacionais e nacionais discutem livros e literatura, existem pessoas que fazem parte da FLIP e que encontrá-las, superando barreiras sociais e de timidez, foi uma *serendipity*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Nascimento. **É o mundo negro que viemos mostrar a você**. Suplemento Pernambuco, Pernambuco, n. 145 p. 12-17, março 2018. Entrevista concedida a NASCIMENTO, Leonardo. Mensal. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edições-anteriores/77-capas/2052-é-o-mundo-negro-que-viemos-mostrar-a-você.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Para entender o jornalismo cultural**. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 16, n. 9, p.69-72, 2008.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 140 p. (Coleção comunicação).

BRASIL. Festa Literária Internacional de Paraty. Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro (Org.). **A Flip**. Disponível em: <<http://flip.org.br/a-flip/sobre>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CALDER, Liz. **Bem-vindos à Flip 2018**. Programa 16ª Festa Literária Internacional de Paraty. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro e Associação Casa Azul, 2018. p. 8.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 143 p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. 199 p.

DUARTE, Eduardo de Assis. MULHERES MARCADAS: LITERATURA, GÊNERO, ETNICIDADE. **Terra Roxa e Outras Terras**: Revista de estudos literários, Londrina, v. 17, n. 1, p.6-18, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24983/18312>>. Acesso em: 12 maio 2018.

EBBER, Laura. **Elementos de perturbação**. Suplemento Pernambuco, Pernambuco, n. 135, p.10-13, maio 2017. Entrevista concedida a CARPEGIANI, Schneider. Mensal. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_135_web.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.

Entrevista: Flip cresceu mais que 'sonhos' de seus criadores, diz mentora: Mentora da Flip, a Festa Literária Internacional de Paraty, a inglesa Liz Calder ri ao se lembrar da euforia e do nervosismo da primeira edição, quando os visitantes eram esperados às centenas, mas vieram aos milhares. 2012. BBC Brasil em Londres. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120517_flip_calder_jc.shtml>. Acesso em: 08 set. 2017.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 56 p. (COLEÇÃO PASSO-A-PASSO CIÊNCIAS SOCIAIS).

FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura E Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contra-discursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem.** São Paulo: Edusp, 2004. 434 p.

Flip gera impacto econômico de R\$ 47 milhões para o País. 2018. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/feed-geral/-/asset_publisher/G7Zpw3dqBUVE/content/id/1516960>. Acesso em: 05 out. 2018.

Joselia Aguiar é a curadora da Flip 2017. 2017. Disponível em: <<http://flip.org.br/edicoes/flip-2017/curadoria>>. Acesso em: 08 set. 2017.

JOSELIA AGUIAR: “ESTA SERÁ UMA FLIP VOLTADA PARA O MUNDO DE DENTRO: AMOR, MORTE, DEUS”. São Paulo, 23 jul. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/17/cultura/1531862387_209307.html>. Acesso em: 18 set. 2018.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero.** 2008. 243 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3569/1/2008_VirginiaMariaVasconcelosLeal.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes.** São Paulo: Clube de Autores, 2010. 146 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4. ed. Barueri, Sp: Manole, 2009. 470 p.

MACHADO, Alvaro. **O caldeirão literário de Liz Calder em Paraty.** 2003. Revista Trópico. Disponível em: <<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/1665,1.shl>>. Acesso em: 08 set. 2017.

MAGALHÃES, Guilherme. **Programação paralela da Flip triplica com eventos diversos.** Folha de S. Paulo. São Paulo, 25 jul. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/programacao-paralela-da-flip-triplica-com-eventos-diversos.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito.** 2005. 15 p. NP de jornalismo, encontro dos núcleos de pesquisa da Intercom, 2006, São Paulo. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. Acesso em: 15 nov. 2018.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 248 p.